



A MISSÃO DE CRISTO: ENCONTRO COM A HUMANIDADE E DESENCONTROS COM A CULTURA RELIGIOSA

(The Mission of Christ: meeting with humanity and
failure to meet with the religious culture)

Jedeias Duarte

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

Doutor em Ministério pelo Reformed Theological Seminary – Jackson/Mississippi – EUA

Mestre em Missiologia pelo Centro Evangélico de Missões (CEM) – Viçosa/MG

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce – Gov. Valadares/MG

Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Norte – Recife/PE

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a missão de Jesus Cristo a partir do encontro com a mulher samaritana (João 4,1-43), observando algumas ações missionárias que resultaram no rompimento de alguns paradigmas da estrutura cultural e religiosa que distanciaram Judeus e Samaritanos por mais de 400 anos. Aponta que no rompimento com paradigmas religiosos e culturais é possível observar a simplicidade do evangelho e a extensão da missão da Igreja, cuja peregrinação é fruto da missão do Filho de Deus como o Enviado ao mundo. Por fim, caminha na vertente de destacar que o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana constitui fundamento e modelo de estratégia para a Igreja missionária no mundo atual.

Palavras-chave: Missio-Dei; Samaritanos; Paradigmas Culturais; Estratégia Missionária; Contextualização.

ABSTRACT

This article intends to analyze the mission of Jesus Christ from the meeting with the Samaritan woman (John 4,1-43), observing some missionary actions that resulted in disruption of some paradigms of cultural and religious structure that distanced Jews and Samaritans for over 400 years. It indicates that in the rupture with religious and cultural paradigms is possible to observe the simplicity of the gospel and the extension of the mission of the Church, which pilgrimage is fruit of the Son of God as the One sent to the world. Finally, walks on the slope of pointing out that the dialogue between Jesus and the Samaritan woman is the foundation and strategy model for the missionary Church in the contemporary world.

Keywords: Missio-Dei; Samaritans; Cultural Paradigms; Missionary Strategy; Contextualization.

INTRODUÇÃO

O papel da mulher na religião, na cultura e na sociedade se torna confuso e objeto de discriminação, quando o gênero feminino é apontado como inferior, menos capacitado ou sofre qualquer espécie de restrição que tenta lhe subtrair ou minimizar a imagem e semelhança de Deus mostrada na Bíblia Sagrada que estabelece o papel de homem e mulher na cultura, na sociedade e na religião.



A missão de Cristo (*missio Dei*) rompeu limites do tempo e do espaço humano, uma vez que a caminhada missionária do Verbo Eterno de Deus não se limitou à sua caminhada terrena.

A discriminação da mulher é um desvio sociocultural e religioso oriundo da natureza do ser humano sob o pecado. Ela persevera em muitos povos, mesmo na pós-modernidade, que propaga a liberdade plena, a dignidade ampla e a igualdade de todos os seres humanos. A discriminação acontece quando um ser humano tem parte da sua humanidade subtraída por outro ser humano com base em critérios e leituras equivocadas de viés religioso, cultural ou mesmo social.

Pode-se compreender pelas Escrituras Sagradas que Jesus Cristo tem o ápice da sua missão em sua Encarnação, no seu ministério entre os homens, na sua morte vicária e na sua ressurreição. Sequencialmente na história humana, Ele mantém a sua missão através do Paráclito (Jo 14,6), o Espírito Santo, que foi enviado pelo Pai e por Si mesmo, Filho, e que dinamiza a sua Igreja em direção ao mundo. Entretanto, é importante observar que a missão de Cristo não iniciou em sua Encarnação: é possível constatar que na eternidade aprovou à Trindade Santíssima - Pai, Filho e Espírito Santo - escolher o Filho como o mediador entre Deus e os homens, e deu-lhe, desde toda a eternidade, um povo para ser sua semente, e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado¹.

A partir de fatos históricos narrados na Bíblia Sagrada, é possível entender, na possibilidade humana, a ação trinitária na eternidade, pré-encarnação (com a elaboração e criação do Universo de forma macro e micro), e toda caminhada entre a epifania a *parousia* de Jesus Cristo (Jo 1, 1-3).

O ENCONTRO COM A HUMANIDADE – UMA LEITURA MISSIOLÓGICA PRELIMINAR

Parece-nos que a compreensão apontada pelo Evangelho de São João ao apresentar Jesus de Nazaré como o Cristo, o Filho de Deus para o resgate do seu povo, demonstra uma visão que ultrapassa a própria religiosidade daquela época. No Evangelho de São João, a missão de Deus (*missio Dei*) é externalizada para a compreensão humana de um modo contextual através de encontros históricos, relacionais, realçando um amplo diálogo teológico e buscando a transformação da pessoa humana na plenitude da humanidade perfeita, que tem em Jesus o seu representante (Jo 1,14).

A compreensão do Evangelho de São João a respeito da *missio Dei* não acontece a partir de deduções históricas cadenciadas ou análises fenomenológicas, como acontece nos evangelhos sinóticos, mas parece que os discursos, as impressões e as discordâncias do Cristo com a religião fazem parte de sua caminhada missionária na busca do seu povo.

Mesmo que no Evangelho de São João seja possível perceber uma concepção transcendental, mística da *missio Dei*, também é possível perceber que o autor expõe o Verbo na eternidade, aparentemente, fazendo em sua apresentação possíveis conexões contextuais para seus leitores

¹ *Confissão de Fé de Westminster (1643-1649)*. Símbolos de Fé: contendo a Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve / Assembleia de Westminster – São Paulo, Cultura Cristã, 2005, p. 43.



com a filosofia grega. A presença do Cristo vivo e missionário é apresentada como a introdução e consumação da História.

No Evangelho de São João, a missão de Jesus fundamenta o seu cumprimento de modo direto em todos os encontros acontecidos, e nos diálogos estabelecidos com judeus, samaritanos e gentios. Mesmo que fatos e locais históricos não sejam citados como nos demais Evangelhos, é possível perceber a voz do Salvador desde a manjedoura em Belém ao túmulo vazio e ao monte da ascensão.

Parece que no Evangelho de São João toda caminhada do Cristo tem por foco fundamentar a universalidade da missão. Assim, naturalmente, milagres, sinais e prodígios são indicadores da personalidade messiânica e sua verdadeira divindade. O cumprimento linear da missão do Verbo acontece na Cruz com o seu sofrimento como Cordeiro de Deus, tirando o pecado do mundo (Jo 1,29). É possível entender a ausência de uma Grande Comissão específica no Evangelho de São João, como acontece em Mateus 28, Marcos 16 e Lucas 24, pois toda a caminhada do Verbo encarnado já constitui uma prática comissional para a Igreja que deve ser missionária em todo o tempo, lugares e pessoas. Ele envia através dos discípulos da mesma forma como o Pai lhe enviou (Jo 20,21).

O ENCONTRO COM A SAMARITANA E O DESENCONTRO COM A RELIGIOSIDADE

O encontro com a mulher samaritana possui elementos interculturais que não são apresentados nos demais encontros com membros da comunidade receptora da promessa messiânica, que criam na integralidade da Torá e guardavam as tradições e costumes do povo do Messias: a comunidade judaica como João Batista (Jo 1,29-42), apóstolos (1,43-47), convidados de Caná da Galileia (2:1-12), Nicodemos (Jo 3,1-15), oficial do rei (Jo 4,46-53), paralítico (Jo 4, 46-53), mulher adúltera (Jo 5,1-47) cego de nascença (Jo 8, 1-11), Lázaro e suas irmãs (8,12 – 9,41), Sinédrio (Jo 11), Maria Madalena e todos os demais discípulos e seguidores (18, 19, 20,11-19, 21,25).

Para Bruce², o episódio de Jesus e a mulher samaritana (samaritanos) é inserido no contexto dos rituais da purificação judaica.

Esse contato entre Jesus e a mulher samaritana não imergiu os samaritanos na religiosidade judaica (ação proselitista), mas realçou o diálogo de uma nova aliança com base única na pessoa do Messias, Jesus Cristo, que, por sua vez, é o cumprimento das promessas de Deus Pai para todos os povos da terra.

Assim, sem as amarras naturais do judaísmo que prevaleceriam num diálogo religioso naquela época, percebe-se a riqueza de fatores missiológicos transculturais que permitem analisar o rompimento feito por Jesus Cristo com os limites da sua própria cultura, do seu próprio tempo, e do seu próprio espaço religioso e geográfico.

Para Schnelle³ isso pode ser visto nos demais Evangelhos, nos encontros ocasionais de Cristo, em que houve contatos positivos com gentios, como aconteceu com o centurião de Cafar-

² BRUCE, F.F. *João – Introdução e Comentário*. Edições Vida Nova; Mundo Cristão, São Paulo, 1987.

³ SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*, 2010, p. 179.



naum e com a mulher siro-fenícia (Mt 8,5-10,13; Mc 7,24-30), que atestam uma abertura pontual de Jesus Cristo em relação a essas pessoas e às etnias da terra em todos os tempos, sempre partindo do diálogo claro, preciso, olhando para o ser humano a partir de sua perspectiva individual, e atraindo-o, pela graça, para uma caminhada com Deus.

João declara que “era necessário atravessar a província de Samaria” (Jo 4,4). O aspecto geográfico é discutido na literatura teológica e existe um consenso de que a escolha da rota por Jesus aconteceu por uma decisão espiritual, e não por uma questão geográfica. Para Leon-Dufour⁴, era uma caminhada em busca da reconciliação de dois povos: “Fica evidente que, passando por Samaria para chegar à Galileia, Jesus quer reconciliar simbolicamente os dois povos, os irmãos divididos desde os primórdios da realeza e essa recondução ocorre depois de uma “perseguição” de Jesus pelos fariseus”⁵.

Para Jesus, foi a nova perspectiva geográfica que redundaria num redirecionamento dos samaritanos do tempo (*kronos*) para a eternidade (*kairos*). Uma parte perdida de Israel, que fora abandonada no tempo e no espaço da caminhada da “Igreja no Antigo Testamento”, como demonstração histórica do ajuntamento que Deus desejava fazer de todo o seu Israel, espalhado entre as etnias da terra em todos os tempos.

A caminhada de Jesus em direção aos samaritanos, entretanto, foi a expectativa histórica menos estimada pelos judeus deste o retorno do cativo, e menos alimentada pelos samaritanos em sua sedimentação com os males da terra do abandono.

Para Barclay⁶, “a região da Palestina tem uns 200 quilômetros do Norte ao Sul. No tempo de Jesus, havia três divisões claras. No Norte estava a Galileia, no Sul a Judeia e no meio Samaria”⁷. E, nesse ambiente inóspito, numa caminhada de três dias, Jesus desce à Samaria para comunicar o Evangelho da paz. É possível observar que o alcance de Samaria fazia parte da missão do Cordeiro de Deus. Leon-Dufour afirma que “o verbo *era (-lhe) preciso (edei)* supõe um motivo de ordem teológica, como em outros trechos de João. Se Jesus atravessa a Samaria é porque sua missão o exige segundo o desígnio de Deus”⁸.

Barreto⁹ diz que: “podia ter ido para a Galileia passando pela Transjordânia; a necessidade que expressa Jo é de outra ordem: era necessário para a missão messiânica de Jesus” e ainda Hendriksen¹⁰ corrobora: “É mais provável que o sentido aqui seja (Jo 4, 4): ele teve que ir através de Samaria em concordância com as ordens de seu pai celestial: fazer a vontade daquele que o havia enviado e para executar sua tarefa (Jo 4,34)”. Há um consenso exegético e teológico que a passagem por Samaria traria alterações no modo humano de enxergar o outro, inclusive a partir da prática religiosa de cada dia.

Parece que é possível perceber um convencimento, tanto de forma teológica quanto literária, de que a passagem de Jesus por Samaria foi cumprimento do projeto missionário de Deus. Jesus foi o enviado de Deus, aquele que abriu o diálogo com a Samaria. Ele é, em si mesmo, o

⁴ LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*, 1996, p. 262.

⁵ LEON-DUFOUR. Op. cit. p. 292

⁶ BARCLAY, William. *El Nuevo Testamento, Juan*. Buenos Aires, Argentina, Ediciones la Aurora, 1984.

⁷ Ibidem, p.156.

⁸ Ibidem, p. 261.

⁹ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*, 1989, p. 207.

¹⁰ HENDRIKSEN, William. *O comentário do Novo Testamento*. João, 2004, p. 210.



próprio diálogo, a Segunda Pessoa da Trindade, enviado pelo Pai para buscar o que se havia perdido e, neste propósito, tinha que passar pela Samaria (Jo 4,4).

O propósito de Deus para buscar o povo de Samaria foi concretizado a partir do contrato feito por Jesus Cristo, colocando-o como parte do seu povo. A caminhada de Jesus até a Samaria foi em cumprimento da sua missão redentora, apontando a universalidade etnográfica do Evangelho reconciliador, que rompe barreiras geográficas e temporais para alcance daquele que se extraviou.

Corroborando nesse sentido o missiólogo Schnelle¹¹, quando escreveu: “a importância do conceito de missão surge da convicção fundamental da teologia joanina de que Deus se fez ser humano em Jesus Cristo, para abrir aos seres humanos a salvação”. Estabelecendo por sua vida, morte e ressurreição o rompimento da barreira do tempo, quando o Verbo de Deus deixa os infundáveis limites da eternidade e se limita ao tempo terreno, com seus anos, meses, semanas, dias, horas, minutos e segundos para habitar no meio da humanidade.

A infinitude daquele que é infinito se lançou às barreiras geográficas do finito, que são rompidas por sua presença, sua caminhada e seu grande mistério redentor. Ele se limita a nascer humano, de um único povo e viver entre um povo pecador para atingir a humanidade de todos os tempos, lugares e etnias. Como humano, e de humanidade plena e totalmente santa como nenhum outro homem jamais exerceu, expandiu a sua humanidade mesmo com as limitações humanas, como cansaço, sede, fome, sono, para que a sua divindade plena e integral fosse reconhecida em sua pessoa em Jesus Cristo (Fl 2, 6-11), verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus¹².

O estabelecimento da missão de Cristo rompeu com paradigmas culturais e religiosos do judaísmo e da cultura do seu tempo, estabelecendo um novo paradigma cultural e religioso para a Igreja que se mostraria a partir dele como Igreja Católica, e não sectária ou etnocêntrica como fora na nação judaica. É possível compreender o rompimento de paradigmas religiosos e culturais no encontro de Jesus com a mulher samaritana a partir de uma breve caminhada na história do povo Judeu e do próprio judaísmo como religião. Nos tempos de Jesus, a Judeia e a própria capital Jerusalém tinham se tornado estéreis, o que possibilitou a fecundidade do Evangelho em povos como os samaritanos¹³.

Samaritano¹⁴ era o nome que recebeu o povo que miscigenou da raça judaica com os “restos” (deixados para trás na destruição e deportação do reino do Norte em 721 a.C. e do reino do Sul em 587 a.C.) e ainda com estrangeiros que foram introduzidos na terra ou que a ela vieram espontaneamente.

Outros teólogos, além de afirmar o aspecto dos casamentos mistos como causa de surgimento do povo samaritano, fazem a conexão histórica de uma raça que surgiu no meio do caos religioso e étnico, fruto da absorção de povos da região, estrangeiros nômades e as 10 tribos perdidas de Israel¹⁵, perdendo o direito perante as demais tribos de serem chamados judeus.

¹¹ SCHNELLE. Op. cit. p. 972.

¹² *Catecismo da Igreja Católica*, São Paulo, Loyola. § 464. (Vide Concílios de Éfeso, 431 d.C. e Calcedônia 451 d.C. In: <http://www.mackenzie.com.br/6931.html>).

¹³ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. Op. cit. p. 224

¹⁴ SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*, 2010, p. 56.

¹⁵ BARCLAY, W. Op. cit. p. 158.



Numa análise cultural: “[...] casaram-se com estrangeiros e perderam a pureza racial, para uma família de judeus ortodoxos se um filho ou uma filha se casasse com um estrangeiro se celebrava o seu funeral”¹⁶. Acrescentando o fato que causa da raça misturada e de seu passado religioso (2 Reis 17,24-41) eram receptivos à feitiçaria¹⁷.

As diferenças entre judeus e samaritanos eram sérias e tinham raízes profundas e centenárias no tempo de Jesus. Para Bruce¹⁸:

A separação entre Samaria e Judá, no tempo da monarquia hebraica, poderia ter sido consertada depois do cativo babilônico, mas os judeus que retornaram do exílio rejeitaram uma oferta de cooperação da parte dos samaritanos, suspeitando da sua pureza racial e religiosa. A hostilidade resultante foi intensificada pela construção de um templo samaritano rival no monte Gerezim, por volta de 400 a.C., e a destruição deste templo pelo governador hasmoneu Joao Hircano, por volta de 108 a.C.

Além disso, “todas as mulheres samaritanas deveriam ser consideradas em estado perpétuo de impureza cerimonial”¹⁹. Nesse mesmo sentido, escreve Carson²⁰, apontando um conteúdo cultural sobre a situação das samaritanas que as colocava num lugar e o papel social inferior às mulheres judias:

[...] os líderes judeus codificariam uma lei (Mishna Niddah 4.1) que refletia um sentimento popular existente havia muito tempo, no sentido de que ‘as filhas dos samaritanos menstruam desde o berço e, portanto, estão perpetuamente em um estado de impureza cerimonial.

Por um lado, a hibridez dos samaritanos causava o desprezo pelos judeus, tanto pela raça, como pela religião. Por outro, o sincretismo religioso e cultural, afastou os samaritanos de conteúdos e leituras profundas com a totalidade da Lei e das promessas como povo de Deus.

Outra barreira rompida pelo Salvador ao passar por Samaria foi desconstruir toda carga de ofensa que o judaísmo havia estabelecido contra outras etnias, inclusive a samaritana. Essa barreira poderia ser intensificada quando uma mulher samaritana estava no caminho de um homem judeu, um rabino que possuía as limitações da lei cerimonial e possuía a faculdade de não ensinar a lei a quem não poderia recebê-la.

A maioria de judeus e samaritanos não comia no mesmo prato, nem bebia no mesmo copo: além da contaminação ritualística, o medo era potencializado na mínima hipótese de uma mulher samaritana aprender a lei ou, de forma inimaginável, uma mulher ensinando a lei.

Para a compreensão dessa barreira, é importante observar que a surpresa não era apenas pelo fato de que o Mestre estaria em Samaria, dialogando com um nativo, e sim que estava em Samaria, dialogando com uma mulher samaritana, com agravantes em sua história que a afastava para mui longe dos caminhos “inefáveis” da religião.

¹⁶ Ibidem, p.158.

¹⁷ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento, Atos*. São Paulo, Cultura Cristã, 2006. Volume 1, p. 390.

¹⁸ BRUCE, F.F. *João – introdução e comentário*, 1987, p. 96.

¹⁹ Ibidem, p. 98.

²⁰ CARSON, D.A. *O Comentário de João*, 2007, p. 218.



Mateos e Barreto²¹ “expressam que um rabi não deveria falar com uma mulher, pois era perda de tempo e um desvio do tempo de estudo da Torá”.

É importante ainda observar que as barreiras surgem a partir da óptica do judaísmo como expressão religiosa, mas não são observadas como tal a partir do encontro de Jesus com a mulher de Samaria; do sentar-se ao poço de Jacó e dialogar sobre os traumas da existência não com base nas limitações existenciais da mulher samaritana, mas no aprendizado com o Outro e com o ensino através do diálogo.

O encontro de Jesus com a mulher samaritana não acontece sobre as mazelas explícitas ou de modo ofensivo, mas olhando as dificuldades teológicas e morais, que apontam a esperança para a existência e isso acontece, a partir do diálogo mantido entre pessoas de confissões diferentes, sem trazer à tona os pontos de vistas que diferem como pedras inamovíveis. É o cristianismo nascendo como ramo novo, vindo de Jesus Cristo, a videira verdadeira.

Os paradigmas religiosos e culturais do judaísmo naquele encontro ruíram não como fruto de uma pesquisa etnográfica, mas com a plena recepção de Jesus Cristo como Salvador e Senhor pela mulher samaritana. Não houve uma substituição de símbolos culturais ou transposição de costumes para uma nova religião, mas uma transformação de vida, que foi legitimada quando o ser transformado se lança à vida missionária.

O encontro entre Jesus e a mulher samaritana consolidou-se em ação e resultados missionários, em que o diálogo intercultural e até mesmo inter-religioso possibilitou o alcance dos samaritanos pela missionária convertida ao evangelho do Messias.

O diálogo entre Jesus Cristo e a mulher samaritana perpetuou na ação missionária que ela assumiu perante seus patrícios. Diferente de outros momentos de igual relevância, em que o modo de proclamação do Evangelho foi um anúncio com grande estrondo, nesse episódio histórico, o Evangelho é inserido, quase construído à medida que a mulher samaritana tem a sua fé despertada.

Jesus didaticamente como *didaskalos*, por excelência, parte de pontos de contato desde os mais simples como a cidade de Sicar, o calor, fadiga, meio-dia, o casamento, a família, a história, as situações existenciais profundas como concepção da moralidade, conceitos teológicos e visão de mundo.

CONCLUSÃO

A mulher samaritana, que sofria discriminação social, racial, cultural e religiosa é tirada do seu “poço” para vivenciar a fé no Salvador, tornando-se a primeira missionária intercultural da nova aliança. Assim, toda missão genuína gera missão. A Igreja peregrina é, por natureza, missionária, pois ela se originou na missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desejo de Deus Pai²² (AG 2).

O encontro de Jesus com a mulher samaritana não estabeleceu um rito de proselitismo, mas uma rota missionária. Programaticamente, Jesus como missionário conduz o diálogo com ba-

²¹ MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. Op. cit. p. 228.

²² AG 2 – Decreto AD Gentes, Vaticano II.



se na sua Palavra, levando a Samaritana ao convencimento pelo Espírito Santo: “Este verdadeiramente é o Salvador do Mundo” (Jo 4,42).

Entretanto, enquanto os processos discriminatórios contra a mulher, crianças, idosos e outros grupos de seres humanos se sedimentarem em nossa cultura, certamente em decorrência de uma cosmovisão distorcida e de uma raça humana quebrada pelo pecado, o homem exorbitará na sua relação com o seu próximo; explorando-o como empregado, vendendo-o como escravo, traficando-o como mercadoria ilícita e obtendo toda sorte de vantagem. Essa é a potencialização da discriminação desconstruída e destruída por Jesus Cristo, estabelecendo através de sua pessoa uma nova relação com Deus Pai e com os demais seres humanos.

O jornal “Folha de São Paulo” de 08 de junho de 2014²³, divulgou um exemplo de exercício missionário da fé cristã a partir da *missio Dei*, quando o Papa Francisco recebeu, nos jardins do Vaticano, líderes do judaísmo e islamismo para orações numa tentativa missionária de abertura de diálogo, mesmo que exercendo naquele momento uma função diplomática. Assim ficou expresso: “a intenção é reabrir uma estrada que está fechada há algum tempo”. É uma longa caminhada, mas possível, pois a rota e o destino podem ser lidos e reconhecidos nas páginas e nos princípios das Escrituras Sagradas.

BIBLIOGRAFIA

BARCLAY, William. *El Nuevo Testamento, Juan*. Buenos Aires, Argentina, Ediciones la Aurora, 1984.

BÍBLIA: Bíblia Sagrada. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

_____. Bíblia Sagrada. Ed Revista e Atualizada. 2ª Edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRUCE, F.F. *João – Introdução e Comentário*. São Paulo, Edições Vida Nova; Mundo Cristão, 1987.

CARSON, D.A. *O Comentário de João*. São Paulo, Shedd Publicações, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2011.

CONCÍLIOS DA IGREJA. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/6931.html>>.

Acesso em: 09.06.2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos. São Paulo: Edições Paulinas, 2007

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER (1643-1649). Símbolos de Fé: contendo a Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve / Assembleia de Westminster – São Paulo, Cultura Cristã, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/06/1467019-papa-recebera-lideres-de-israel-e-palestina-para-oracao-conjunta-neste-domingo.shtml>>. Acesso em: 09.06.2014

HENDRIKSEN, William. *O comentário do Novo Testamento*. João. São Paulo, Cultura Cristã, 2004.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento, Atos*. São Paulo, Cultura Cristã, 2006. Volume 1.

²³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/06/1467019-papa-recebera-lideres-de-israel-e-palestina-para-oracao-conjunta-neste-domingo.shtml>>. Acesso em: 09.06.2014.



LEON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André, Academia Cristã, 2010.

SENIOR, Donald; STUHLMUELLER, Carroll. *Os Fundamentos Bíblicos da Missão*. Santo André, Academia Cristã, 2010.